FOLHA DE S.PAULO
★★★ UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL
Publicado em 29/06/2023 - 05:59

Censo revela Brasil menor que o esperado; país tem 203 milhões

Brasil tem 203 milhões de habitantes e cresce menos que o previsto, diz IBGE

Censo aponta avanço de 0,52% ao ano na população de 2010 para 2022, o menor índice da série

DELTAFOLHA

RIO DE JANEIRO E SÃO PAULO O Brasil tem 203,1 milhões de habitantes, apontam os primeiros dados do Censo Demográfico 2022, divulgados nesta quarta-feira (28) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O resultado representa 4,7 milhões de pessoas a menos do que a prévia da pesquisa.

Em dezembro do ano passado, o próprio instituto calculou a população em 207,8 milhões. Essa prévia foi composta por dados iniciais do Censo, além de projeções.

A diferença é ainda maior na comparação com um dado anterior, divulgado em 2021, quando o IBGE estimava o número de habitantes em 213,3 milhões. Essa previsão levava em conta dados do Censo anterior, de 2010. O resultado definitivo de 2022 mostra que a população brasileira cresceu desde 2010. O ritmo, porém, é cada vez menor.

O número de moradores representa uma alta de 6,5% (12,3 milhões a mais) em relação ao Censo anterior, quando o país tinha 190,8 milhões de habitantes. Isso significa que a taxa de crescimento foi de 0,52% ao ano.

Trata-se do menor nível já registrado em um recenseamento no Brasil. O primeiro ocorreu 150 anos antes, em 1872. De lá para cá, o país soma 13 operações censitárias.

A série histórica divulgada pelo IBGE mostra que a taxa de crescimento anual já chegou a 2,99% na passagem de 1950 para 1960.

O percentual encolheu de forma consecutiva nas décadas seguintes, até atingir 1,17% em 2010 e 0,52% em 2022. É a primeira vez que o avanço fica abaixo de 1% em um Censo.

Esse movimento ilustra o que especialistas chamam de transição demográfica, que traz reflexos tanto em questões comportamentais quanto na área econômica.

"A queda da fecundidade começou no final da década de 1960. Começou com uma queda pequena, mas a partir da década de 1970 se espalhou pelo Brasil todo", explica o demógrafo José Eustáquio Diniz Alves, pesquisador aposentado do IBGE.

"De lá para cá, a fecundidade só cai. Ao mesmo tempo, temos um aumento da expectativa de vida e uma redução das taxas de mortalidade."

Com menos filhos, as famílias tendem a investir mais na formação de uma mesma criança, e as mulheres podem encontrar menos dificuldades para a entrada no mercado de trabalho, afirma Alves.

O crescimento menor da população, por outro lado, encaminha o país para o fim do chamado bônus demográfico, segundo o especialista.

Isso traz desafios para a economia, já que a parcela da população em idade de trabalhar tende a diminuir, enquanto a de aposentados, aumenta. O segredo para superar o quadro, diz Alves, é elevar a produtividade —capacidade de produzir mais com menos.

"A transição demográfica é o maior fenômeno de mudança de comportamento em massa da humanidade. Está mexendo com a vida das pessoas, com a morte delas", afirma.

Higor Gonçalves, 37, trabalha como relações públicas e é filho único. Sua mãe vinha de uma casa cheia: tinha dez irmãos. "Minha mãe tinha pavor de família gigantesca e isso impactou na decisão de ter só um filho", diz ele, que não planeja ser pai.

"Não queria colocar um filho no mundo para ser criado por babá. Queria dar atenção e cuidar. Mas, no mundo de hoje, está muito complicado pela rotina e pelo trabalho. Sou muito absorvido pelo trabalho e é algo que me satisfaz", afirma ele.

Com o casamento se aproximando, a assessora de eventos Jéssica Souza, 28, acredita que a pressão por ter filho deve aumentar. Porém, nem ela e nem o noivo desejam uma criança. "Tenho outras prioridades, outros objetivos, e ter um filho precisa de condições, casa, orçamento. Gosto da minha liberdade", diz.

O presidente interino do IBGE, Cimar Azeredo, disse que o instituto ainda trabalha para entender o que está por trás do crescimento menor da população. Segundo ele, também é necessária uma análise mais detalhada a respeito de eventuais impactos da mortalidade provocada pela Covid-19.

A divulgação do Censo 2022 será feita em etapas. A primeira, ocorrida nesta quarta (28), não trouxe dados sobre as características étnicas e de gênero dos brasileiros. Ficou centrada na evolução do número de habitantes e de domicílios.

"A gente precisa esperar o trabalho que os demógrafos do IBGE estão fazendo para que a gente possa entender melhor o quanto o Brasil pós-pandemia está sendo influenciado por fecundidade, mortalidade, migração internacional, uma série de fatores que podem contribuir de forma expressiva para a queda da taxa de crescimento anual", afirmou Azeredo.

A coleta das informações do Censo começou no dia 1º de agosto do ano passado, e o IBGE planejava encerrar as entrevistas em três meses, até outubro. O instituto, contudo, encontrou uma série de dificuldades para avançar nos trabalhos. Por isso, foram feitas coletas de dados residuais até o final de maio deste ano.

Restrições orçamentárias, atrasos em pagamentos para recenseadores e o clima de tensão em meio à corrida eleitoral estão entre os motivos apontados para a demora.

A taxa de não resposta ao Censo foi de 4,7% no Brasil. É o percentual de domicílios onde o IBGE constatou que havia moradores, mas não conseguiu fazer as entrevistas.

Já a taxa de recusa alcançou 1,38%. Trata-se do percentual de domicílios onde as pessoas não quiseram participar.

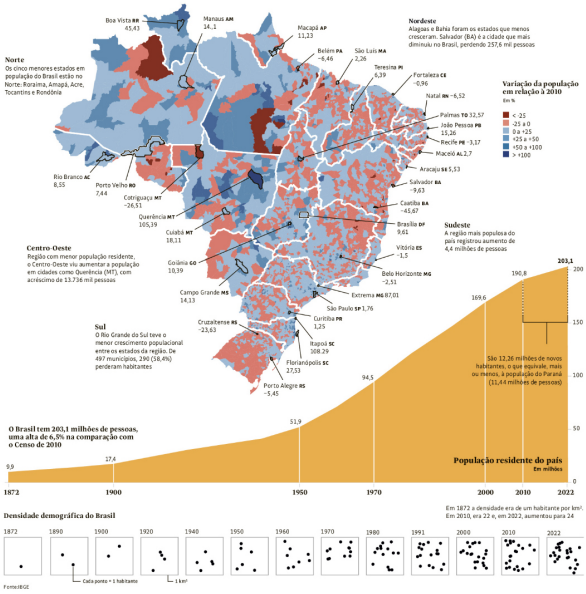
Azeredo lembrou que, em pesquisas como o Censo, é usada a técnica de imputação em domicílios ocupados cujos moradores não participam das entrevistas. Trata-se, portanto, de uma estimativa.

Segundo Azeredo, a imputação não prejudicou o resultado geral. "Hoje, a gente tem total certeza de que a população é essa que está colocada, os 203 milhões", disse.

Em 2022, a população imputada no Brasil foi de quase 8 milhões, 3,92% do total. A contada alcançou 195,1 milhões. No Censo de 2010, essa parcela foi menos de 3% do total à época. **Leonardo Vieceli, Isabella Menon, Diana Yukari e Gustavo Queiroz**

leia mais nas pags. B2 e B3 e em Mercado, na pág. A23

População brasileira cresce, mas alguns estados registram perda elevada de habitantes na última década



Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Cotidiano **Caderno:** B **Pagina:** 1

Copyright © Clipclap 2026.